

## Introdução

### Sobre a motivação

Ainda à época das últimas pesquisas para a escrita da dissertação, meu orientador pediu que eu investigasse como as figuras de Gonçalves de Magalhães e de seus companheiros mais próximos, Francisco de Sales Torres Homem e Manuel Araújo Porto-alegre, eram descritas nas páginas da prestigiada *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (1859-1861), assinada por Sebastião Sisson, e no *Ano biográfico brasileiro* (1876), de Joaquim Manoel de Macedo. Seguida a orientação, reiniciei o trabalho de pesquisa na sessão de obras raras da PUC-Rio. Quando entrei fui avisado de que o horário para este tipo de pesquisa estava quase esgotado e argumentei dizendo que iria apenas recolher algumas informações básicas, como identificar em quais dos três volumes e em quais páginas do *Ano biográfico brasileiro*, entre centenas de outros perfis, encontravam-se os de Magalhães e os de seus companheiros.

Segui acompanhado pelo Gabriel, o funcionário responsável, e fui ganhando os volumes um a um, na medida mesmo em que eram encontrados. Decidido a recolher apenas algumas informações básicas, procurei com pressa no primeiro volume do *Ano biográfico* e nada encontrara, no segundo e, por fim, no terceiro. Para meu espanto não encontrara nenhum dos redatores da *Revista Niterói*, nem Magalhães nem Torres Homem nem Araújo Porto-alegre. Lembro que me dividi entre ou bem ir embora e retornar outro dia, e isto porque além do horário já ter esgotado, estava escurecendo, o que dificultava a pesquisa, ou bem dar uma segunda olhada rápida apenas para encontrar, dessa vez, aquelas informações básicas que procurava. Perguntei ao Gabriel se podia ficar mais alguns minutos, e ele, solícito, assentiu. Reiniciei a pesquisa com mais atenção, volume por volume, escurecera e eu nada encontrara. Então me dividi novamente, agora entre voltar com mais calma noutro dia ou ir à procura de meu orientador disposto a contar o que havia descoberto. Os perfis dos redatores da *Niterói* não se encontravam entre as centenas de personagens que figuravam no *Ano biográfico brasileiro*.

Desci as escadas da biblioteca junto ao Gabriel e continuei por lá, comecei a pesquisar a *Galeria*. Sentei-me, agora com tempo suficiente, e fui percorrendo seus 89 perfis e, uma vez mais, nada encontrara. Magalhães e seus companheiros não apareciam entre os perfis de “estadistas, diplomatas, gerais, administradores, sábios e poetas” de todas as cepas, entre eles liberais como Teófilo Benedito Otôni, José Clemente Pereira, Evaristo da Veiga e Diogo Antônio Feijó, os Saquaremas, Eusébio de Queirós, Paulino José Soares de Sousa, o Visconde do Uruguai e Joaquim José Rodrigues Torres, o Visconde de Itaboraí, além de Honório Hermeto Carneiro Leão, o Marquês de Paraná, literatos como Januário da Cunha Barbosa, fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e João Manuel Pereira da Silva, que escrevera, inclusive, alguns artigos para a *Niterói*, aliás, vale ressaltar que seu perfil inicia pelo ano de 1838, data na qual se formara em Direito em Roma, não sendo sequer mencionada sua estadia em Paris, junto a Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-alegre. Aparecem, também, o Frei Francisco do Monte Alverne, mestre querido de Magalhães e de seus companheiros, d. Pedro I, tão criticado por Monte Alverne e Magalhães e, inclusive, as princesas imperiais, D. Isabel e D. Leopoldina.

Até então, tinha lido boa parte dos textos e livros que tratavam do Romantismo no Império e, entre encontros e desencontros, uma assertiva era incessantemente repetida, e isto desde Sílvio Romero, a de que Magalhães e seus companheiros haviam sido fundamentais à instauração do Romantismo no Brasil e mais, que a despeito de suas fragilidades teóricas e de sua competência estética, teriam se tornado figuras fundamentais ao governo de d. Pedro II, em especial à construção de uma identidade nacional. Gonçalves de Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-Alegre construíram suas vidas em torno do Estado imperial, no entanto, já avançado o Império, entre os anos de 1859-1861 e 1876, período no qual a *Galeria* e o *Ano biográfico* foram publicados, eles não haviam sido lembrados.

O espanto inicial torna-se ainda maior se percorrermos, mesmo que brevemente, a trajetória destes homens até os anos de 1860 e de 1870, período no qual aquelas biografias exemplares foram publicadas. Todos tinham angariado *status* significativo junto ao Paço. Gonçalves de Magalhães tinha assumido, em 1836, ano da publicação da *Revista Niterói*, o cargo de adido de primeira classe à legação brasileira em Paris, e em

1839 assume o cargo de Secretário de Governo e acompanha Luis Alves de Lima e Silva, o futuro duque de Caxias, na “pacificação” da Balaiada. Assumiu a cátedra de filosofia do Imperial Colégio Pedro II, no ano de 1842, não podendo lecionar, pois teve de acompanhar o então Barão de Caxias na “pacificação” da Guerra dos Farrapos. Em dezembro de 1845 fora agraciado com a comenda da Ordem de Cristo e, em 1846, fora eleito deputado do partido conservador pela província do Rio Grande. Fora defendido com afincos pelo Imperador d. Pedro II na querela com Alencar acerca da obra – *A Confederação dos Tamoios*, lida pela primeira vez ao Imperador no ano de 1854. Ainda em 1854 fora nomeado Encarregado de Negócios do Império do Brasil na Sardenha e, em 1855, nomeado Comendador da Ordem da Rosa. Publica, no ano de 1848 suas *Memórias* sobre a Balaiada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e em 1860 publica, na mesma Revista, “Os indígenas do Brasil perante a história”, texto no qual critica Varnhagen com veemência. Em 1867 vai aos Estados Unidos da América como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário. O mesmo acontece em 1871 só que na Argentina e em 1873 no Paraguai e, em 1874, era enviado a Roma, ao Vaticano, também como Ministro Plenipotenciário, em razão da “Questão Religiosa”, ano no qual se torna Visconde de Araguaia.

Torres Homem recebeu auxílio financeiro do Império para sua estadia na França, junto a Magalhães e a Araújo Porto Alegre e, apesar de possuir trajetória um tanto diferenciada durante os anos de 1840, e isto porque se dedicara a um liberalismo de matiz exaltado, logo no final da década seguinte alcançou os postos de Ministro da Fazenda em 1858 e de Senador do Império em 1870. Em 1872 recebia a comenda da Ordem de Cristo e o título de Visconde. O último, Araújo Porto-alegre, foi professor (1837-48) e diretor da Academia Imperial de Belas Artes (1854-57), orador do IHGB por 14 anos, pintor oficial de d. Pedro II, tendo preparado as festas da coroação e do casamento do Imperador.

Enfim, o fato surpreendente de não encontrar os perfis de Magalhães e de seus companheiros redatores da Niterói no *Ano biográfico* e na prestigiada *Galeria* assinada por Sisson, nomes lembrados pela historiografia contemporânea como fundamentais à construção e à expansão do Estado imperial, me motivou à decisão de estudar os primeiros Românticos.

## A estadia em Paris

Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-alegre se reúnem, em 1833, em Paris. Poucos anos antes da chegada dos companheiros, a França vivia sob o governo ultrarreacionário de Carlos X, que acabara por ser deposto pelas ordenanças de Julho, transferindo a Coroa dos Bourbons para os Orléans. Assim, Luís Felipe tornara-se rei a 7 de agosto de 1830.

Luís Felipe estabelece o que seria chamado pela historiografia de Monarquia Burguesa, ou ainda, um regime político no interior do qual o rei afasta a aristocracia política do poder e, a um só tempo, põe o proletário à margem, instaurando um governo no qual os direitos políticos foram ampliados a uma parte da burguesia e o próprio *espaço público* ganhara ânimo. Luís Felipe busca dirigir o Estado francês conciliando interesses divergentes, entre conservadores que resistiam às transformações políticas, buscando a restrição do eleitorado e dos debates públicos, e liberais com tendências radicais, interessados na instauração de direitos políticos amplos e na liberdade de expressão, de imprensa e de associação.

É nesse cenário político marcado pela tensão entre o que chamamos de conservadores e liberais com tendências radicais, que ganha força em Paris o Romantismo. Dizendo ainda em outras palavras, Luís Felipe ia se equilibrando entre tendências mais conservadoras e mais radicais, mas não conseguira delimitar e estancar o “progresso burguês”, em relação ao qual ele mesmo era resultado. A burguesia, *grosso modo*, ia requerendo maior participação política e o *espaço público* ia se fortalecendo, radicalizando a prática da crítica, compreendida como exercício reflexivo autônomo orientado pela medida da liberdade. Aí, nessa atmosfera, as delimitações políticas, morais e estéticas iam caducando e os homens e mulheres iam buscando viver novas experiências e configurar novas idéias e costumes, outros critérios de compreensão e de determinação do real, o que chamamos mais acima de Romantismo.

Aí surge Victor Hugo e o seu *Do grotesco e do Sublime* e a própria Boêmia, um movimento que se reunia em determinados espaços que eram considerados livres,

compostos por homens e mulheres que se lançavam, radicalmente, à procura de novas experiências e determinações. Como testemunhara Magalhães a Monte Alverne, a cidade produzia, incessantemente, novas idéias e costumes, e ele mesmo assistira, junto a seus companheiros e a homens como Almeida Garret, ao teatro de Hugo, bem como freqüentara as aulas abertas que a Sorbonne oferecia, estudava Voltaire, Locke, Kant e Hegel, química e economia política<sup>1</sup>.

Enfim, em Paris, entre conservadores e liberais com tendências radicais, entre Hugo e Garret, nos cafés e na Boemia, lendo Voltaire, Locke, Kant, Hegel e Schiller e freqüentando os cursos de economia política, Magalhães, Torres Homem e Porto-alegre foram conquistando suas compreensões estéticas e políticas, compreensões que teremos oportunidade de estudar nas próximas páginas, mas que adiantamos, eram determinadas pela visão de mundo liberal, orientada, em especial, pela convicção de que a literatura era fundamental à fundação de uma sociedade e de um Estado justos, e, também, pela compreensão de que a escravidão era uma instituição terrível, que obstaculizava a conquista do progresso moral e material e inviabilizaria a própria possibilidade de se construir uma literatura vigorosa.

## O objeto

Estudamos os *Suspiros Poéticos e Saudades* e a *Revista Niterói*. Os *Suspiros Poéticos e Saudades* são um conjunto de poesias que Gonçalves de Magalhães publicara em julho de 1836 em Paris, escritas ao longo dos anos de 1833 e 1836, durante sua estadia na Europa, a maior parte do tempo em Paris. Suas poesias foram compostas já ao longo da viagem, que durara pouco mais de dois meses, e isto porque partiu rumo à Europa a 3 de julho de 1833, a bordo do veleiro *Dois Eduardos*, e desembarcara no Havre, Paris, a 11 de setembro. Utilizamos a edição publicada em 1999 pela Universidade de Brasília, organizada por Fábio Lucas.

---

<sup>1</sup> Porto-alegre e Magalhães, 1962, p. 16-7.

*A Nitheroy, Revista Brasiliense. Sciencias, Lettras, e Artes. Tudo pelo Brasil e para o Brasil* – teve vida curta, sendo editada em um único tomo, dividido em dois números, ambos publicados no ano de 1836, a partir do mês de agosto. Cabe ressaltar que sua edição foi feita em Paris, por Dauvin et Fontaine, Libraires, localizada na Passage des Panoramas, nº 35. Utilizamos a edição fac-similada e publicada pela Academia Paulista de Letras, em 2 números, no ano de 1978. Esta edição possui uma introdução escrita por Plínio Doyle e uma apresentação crítica assinada por Antônio Soares Amora.

O primeiro número consta de 188 páginas e inicia com um estudo dedicado à astronomia, escrito por Cândido M. de Azeredo Coutinho, em seguida temos textos sobre a escravidão e o crédito público, ambos da autoria de Torres Homem, outro sobre a história da literatura no Brasil, de Gonçalves de Magalhães e, ainda um último, sobre a música, de Porto-alegre. Além de algumas páginas escritas por Magalhães, que compõem uma parte da *Revista* reservada à crítica de obras lançadas à época, intitulada “Bibliografia”, sobre o pintor francês J.-B. Debret.

O segundo número consta de 262 páginas e começa com um texto breve redigido por Eugene Monglave, seguido de um artigo sobre filosofia da religião, de Magalhães. Logo depois aparece um estudo sobre física industrial e o fabrico do açúcar, escrito por Cândido M. de Azeredo Coutinho e um sobre química e o fabrico do açúcar de A. de S. Lima de Itaparica. Temos, ainda, um artigo sobre a necessidade de se fundar uma sociedade para a educação daqueles que se dedicavam à “indústria”, de Silvestre Pinheiro, seguido do texto de C. A. Taunay também sobre o fabrico do açúcar. Outro de Torres Homem sobre o comércio e negócios relacionados à exportação e à importação, as impressões de Araújo Porto-alegre de sua viagem à Europa, seguidas de um poema também de sua autoria, sobre a mesma viagem, intitulado “A voz da natureza”, e o texto de Pereira da Silva sobre literatura. Por fim, temos a “Bibliografia”, que apresenta um comentário de Magalhães sobre o estudo de Montezuma sobre as idéias de república e de monarquia, o ensaio de Torres Homem sobre os *Suspiros Poéticos e Saudades* de Magalhães e, em seguida, um estudo de Cândido M. de Azeredo Coutinho sobre um ensaio de Miguel Calmon du Pin e Almeida, que versava sobre o fabrico do açúcar. Ainda temos o comentário de Porto-

alegre sobre um quadro de Felix Emilio Taunay, seguido das observações finais, que tratam de comentar o fim da *Revista*.

## Objetivo

Compreendemos que Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-alegre pretendiam civilizar os homens e mulheres da *boa sociedade*, e isto através da literatura. Seu projeto civilizador fiava-se em duas estratégias complementares, a saber, 1- pretendiam seduzir os seus leitores provocando-os a experimentar, através da literatura, o sentimento da finitude humana e a medida da eternidade, ou ainda a fé no Deus cristão, e isto com o objetivo de fazê-los dedicar suas vidas ao cristianismo e ao “amor à pátria” e 2- disponibilizar lições objetivas fundamentais à produção de riqueza junto à natureza, o que chamavam de “lições úteis”.

Dizendo ainda em outras palavras, os companheiros tinham um objetivo e duas estratégias complementares. Seu objetivo era o de civilizar a *boa sociedade* e suas estratégias eram a de emocionar os seus leitores, convencendo-os a agir orientados pela fé cristã e pelo “amor à pátria”, o que podemos chamar de ação estética e, a um só tempo, oferecer enunciados científicos que deveriam ser acolhidos e concretizados por aqueles homens e mulheres que fossem capazes de uma decisão racional originária em favor do projeto civilizador em questão. Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-alegre compreendiam, em verdade, que seus leitores eram, em sua maioria, “egoístas”, ou seja, orientados pelas inclinações, pelos apetites e que, por isto, não seriam capazes de assentir ao seu projeto civilizador cristão e amoroso, de forma imediata, através de uma decisão racional originária, sem que também fossem convocados através do apelo sentimental.

Nosso objetivo, portanto, é o de estudar os *Suspiros Poéticos e Saudades*, os textos sobre a história da literatura de Magalhães e de Pereira da Silva, o artigo sobre a música de Porto-alegre, e o estudo de Torres Homem sobre a escravidão, publicados na *Niterói*, a partir da compreensão de que eles formam um *corpus* e são responsáveis pela civilização da *boa sociedade*, e isto através da sedução de seus leitores e da

disponibilização de “lições úteis”<sup>2</sup>. Ou ainda, propiciam a experimentação de sentimentos como a fé e o amor pela pátria, sobretudo os *Suspiros* e, a um só tempo, disponibilizam argumentações lógicas fundadas em proposições concebidas a partir de um exercício teórico-empírico detido, próprios ao entendimento, em especial as *Considerações* sobre a escravidão de Torres Homem.

Para sermos ainda mais precisos, nosso objetivo é evidenciar e compreender o projeto civilizador de Magalhães, de Torres Homem e de Araújo Porto-alegre, decidido ao longo dos anos de 1833 e 1836, através de publicações, debates e leituras realizados em Paris, nos cafés e em instituições como a Sorbonne e o Instituto Histórico de Paris, debates e leituras os quais compreendemos estar traduzidos nos *Suspiros* e na *Niterói*<sup>3</sup>.

## **Sobre os capítulos**

### **Do 1º Capítulo**

Iniciamos nossa análise, orientados por um pequeno texto de Torres Homem no qual critica os *Suspiros Poéticos e Saudades*, publicado na “Bibliografia” do segundo número da *Revista Niterói*. Em verdade, este foi nosso ponto de partida em direção à leitura e ao estudo dos *Suspiros*, e isto porque o autor relata que Magalhães e suas poesias melancólicas, dedicadas a Deus e a pátria, teriam sido responsáveis pela instauração de um novo tempo na literatura “brasileira”, e mais, que teria sido fundamental à própria visão de mundo dele e de seu companheiro Araújo Porto-alegre. Acompanhando a crítica de Torres Homem às poesias de Magalhães, percebemos que os *Suspiros* e a *Revista Niterói* estavam intimamente ligados, traduzindo, ambos os textos, um projeto civilizador. Ou ainda, se preferirmos, percebemos que a própria *Revista* poderia ser mais bem compreendida se estudássemos o ponto de determinação

---

<sup>2</sup> Para uma compreensão semelhante ver Barros, 1973, p. 25.

<sup>3</sup> Gonçalves de Magalhães, Torres Homem e Porto-alegre publicaram textos na Revista do Instituto Histórico de Paris, escritos que foram lidos e discutidos entre os anos de 1834 e 1836 e que, após algumas reescrituras, foram publicados na *Niterói*. Para um estudo mais detido dessas publicações, ver Faria, 1970, p. 81-104.

do ânimo de seus redatores, qual seja, os *Suspiros* melancólicos, cristãos e patrióticos de Magalhães.

Então, estudamos as poesias de Gonçalves de Magalhães publicadas em 1836 e escritas desde sua partida para a França em 1833, intituladas – *Suspiros Poéticos e Saudades*. Nessas poesias Magalhães evidencia o *phátos* da melancolia como sendo a determinação específica da época moderna. A melancolia é descrita como sendo uma tristeza doce e íntima fundamental ao homem, e isto porque serviria como um par de lentes que permitiria que ele compreendesse sua condição frágil, finita, no interior de uma vida determinada por desafios sempre inéditos e difíceis, dinâmica que o poeta chamou de “infortúnio”. De acordo com Magalhães, à diferença dos Antigos, o melancólico orientaria a sua existência de forma adequada, ou ainda, a partir dos imperativos do cuidado e da modéstia. No entanto, segundo o poeta, esta mesma melancolia que serviria como uma espécie de bússola aos Modernos, lembrando-os de sua pobreza e afinando-os à vida, seria suficiente à instauração de uma atmosfera de desânimo e de desespero. O melancólico, triste por natureza, poderia sofrer a radicalização de sua condição e tornar-se ainda mais triste, o que redundaria numa espécie de pessimismo radical, ou de “melancolia exagerada” para me utilizar de uma compreensão de Alcântara Machado. O pessimista, propriamente, seria o tipo que carregara peso demais, ou melhor, que compreendera o que a vida seria, a saber, transformação incessante e oferecimento de desafios inéditos e impossíveis, condição que imputaria ao homem a necessidade de ser uma espécie de rolagem de pedras à Sísifo. Mas nos expliquemos melhor.

O tipo pessimista - de tanto se esforçar no interior de desafios difíceis e de ver, tempos depois, que tudo o que fizera caducara e ainda inúmeros outros afazeres aguardavam por sua dedicação -, acabara se enfadando da vida, compreendendo-a como penosa e, ao fim, sem sentido, injustificável. Aí, no interior desta atmosfera de enfado, o homem cairia em apatia ou ainda em “loucura”, o que podemos compreender como uma espécie de ação desmedida orientada pelas inclinações.

Magalhães esclarece que o remédio eficaz ao pessimismo seria a experimentação da medida da eternidade, ou ainda, do Deus cristão. A poesia seria o âmbito privilegiado no interior do qual o homem melancólico ou mesmo o que já havia

se tornado pessimista seria apresentado a sua condição fundamental, a finitude e, assim, experimentaria a medida da eternidade, elevando-se a Deus. Segundo Magalhães, junto a Deus, ente onipotente, onisciente e onipresente, ou ainda, a partir da medida da eternidade, o homem conquistaria a justificativa para insistir na vida, e isto porque passaria a compreender que: não importasse o que acontecesse, o quanto laborasse e sofresse, os seus esforços teriam uma justificativa transcendente que garantia a sua felicidade. Trata-se, assim, de uma espécie de composição entre a melancolia e a experimentação da eternidade. O melancólico e mesmo o pessimista compreenderia a fragilidade de sua existência em meio a uma vida que seria, em última instância, um “infortúnio”, e a experiência da eternidade revelaria, de imediato, um outro segredo, este ainda mais fundamental, o de que, em verdade, isto que aparecia inicialmente como um tormento, não passara de uma espécie de realidade apenas superficial, que seria sustentada por uma outra subjacente, esta sim essencial, a de que a existência humana era determinada pela necessidade da felicidade. Assim, a vida era reencantada, ganhava sentido, e os homens, entre eles o próprio poeta, passariam a concretizar suas tarefas sempre inéditas e impossíveis com um sorriso no rosto, alegres, como Camus gostaria que enxergássemos ao próprio Sísifo.

Orientados pela melancolia e pela medida da eternidade, o poeta e seus leitores, os homens e mulheres da *boa sociedade*, acolheriam sua existência com esperança, compreendendo-a como espaço no interior do qual seria possível e necessário compor sentidos, sempre uma vez mais, a partir do imperativo da *caritas* ou do amor à pátria, se preferirmos. Ou melhor, a partir da melancolia e das experiências da finitude e da eternidade o homem conquistaria uma espécie de tensão entre pessimismo e desconfiança por um lado, e otimismo e esperança por outro, tensão no interior da qual se mobilizaria e que, vez por outra, afrouxava em função da predominância momentânea de um de seus pólos.

Perceberemos que os *Suspiros* são dedicados à explicitação da melancolia e de sua importância para os Modernos, do *páthos* do pessimismo radical e da necessidade de se conquistar uma atmosfera a partir da qual fosse possível ao homem enfrentar com adequação e alegria o “infortúnio” que seria a vida. Explicitação que testemunha, ao fim, a experiência de exílio e de conversão decisiva do próprio poeta que, a partir de

sua viagem à Europa, abandona o pessimismo radical que marcara os seus últimos anos no Rio de Janeiro e, entre pessimista e desconfiado, por um lado, e otimista e esperançoso, por outro, dedicava-se ao elogio do deus católico e da *caritas*, o que é o mesmo que dizer do bem comum ou ainda do bem da pátria.

## Do 2º Capítulo

Começamos o segundo capítulo pela análise da apresentação da *Revista Niterói*, intitulada “Ao Leitor”. Evidenciamos que os seus redatores, Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-alegre, compreendiam que os homens e mulheres da *boa sociedade* seriam “egoístas”, orientados por suas inclinações e apetites e, por conseguinte, desinteressados do bem comum, do bem da pátria. A partir desses textos, pudemos compreender e interpretar que os redatores da *Niterói* pretendiam civilizar os homens e mulheres da *boa sociedade*, provocando-os a orientar-se a partir do bem comum, e isto mesmo que de forma heterônoma num primeiro momento. Para a realização deste objetivo seria necessário, então, que a *Revista* seduzisse seus leitores provocando-os a sentir amor e orgulho pela pátria.

Passamos, assim, à análise do – “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”, de Gonçalves de Magalhães, publicado no primeiro número da *Revista Niterói*. Nele, Magalhães delimita uma identidade nacional, o brasileiro, e isto através de uma caracterização subjetiva, ou ainda sentimental. O brasileiro era definido como aquele capaz de amar e de ter orgulho de sua nação - o Brasil, e a nação ou a pátria, já no sentido moderno, aparecem, por conseguinte, como uma totalidade composta por brasileiros, ou ainda, por homens e mulheres que a amam e nutrem orgulho por ela.

Através de uma caracterização sentimental de totalidades como brasileiro, nação, pátria e país -, conceitos que revelam um mesmo significado, a saber, uma totalidade composta de homens e mulheres determinados pelo amor e pelo orgulho em relação ao bem comum, e isto a despeito de quaisquer diferenças -, Magalhães pretende sensibilizar os seus leitores. Em linhas gerais, o poeta delimitava a nação através de uma estratégia específica, que seria capaz de civilizar um público profundamente

“egoísta”, provocando-os à ação orientada pelo sentimento de “amor à pátria”, o que acabaria, por conseguinte, possibilitando a concretização do progresso moral e material da comunidade.

De acordo com Magalhães, a maior parte dos homens e mulheres da *boa sociedade* não adotaria o “amor à pátria” como oriente fundamental nem concretizaria a identidade nacional a partir de uma decisão racional originária fundada em predicados objetivos como língua, etnia, território comum, traços culturais e uma história comum, apenas. Seria necessário que a literatura investisse numa delimitação sentimental da identidade nacional, e isto com o objetivo de atrair e de seduzir seus leitores, provocando sentimentos como o pertencimento, a solidariedade, a confiança e a coragem, sentimentos que seriam dotados de força suficiente para forçar a conversão de homens e mulheres “egoístas” ao modo de ser do amor.

Não obstante a utilização de critérios sentimentais, Magalhães aposta em um critério objetivo em seu projeto de civilização da *boa sociedade*, ele pretende evidenciar, através da investigação da história da poesia do Brasil, um passado comum e vigoroso marcado pelo progresso. Segundo o poeta, os “brasileiros”, mesmo sob a colonização, teriam sido capazes de pensar e de agir orientados pela liberdade e pela independência, tendo instaurado idéias e costumes adequados ao espírito do povo e, a um só tempo, ao espírito do tempo. Aí, a história aparece como um critério fundamental ao convencimento e à civilização dos homens e mulheres “egoístas” que compunham boa parte da *boa sociedade*, e isto porque ela evidenciaria uma nação forte e, por isto, ainda mais atraente e sedutora. No entanto, perceberemos, ainda, que na medida mesmo em que se dedica à investigação da história da poesia no Brasil, Magalhães vai compreendendo que o “egoísmo” teria se naturalizado, ou ainda, teria se tornado o horizonte doador de sentidos que orientava pensamentos e ações, idéias e costumes, e isto ao longo dos séculos nos quais o Brasil fora colonizado por Portugal. Entre otimismo e esperança, por um lado, e pessimismo e desconfiança por outro, continua insistindo em seu projeto de civilização do Império, entretanto tem de abdicar desse passado no que concerne à construção de uma história comum e grandiosa e adotar uma argumentação propriamente metafísica.

O segundo texto que analisamos ao longo do segundo capítulo é o de João Manuel Pereira da Silva, intitulado – “Estudos sobre a literatura”, publicado no segundo número da *Revista*. O autor evidencia uma relação necessária entre sociedade e literatura, afirmando que uma sociedade “egoísta” produziria, necessariamente, uma literatura fundada em idéias e costumes “egoístas” e vice-versa. Pereira da Silva anota que a *boa sociedade* seguia desprestigiando os “gênios”, aqueles mesmos responsáveis pela evidenciação do que deveria ser, ou, se preferirmos, do espírito do povo originário. Segundo o crítico, os “gênios” “brasileiros” não eram reconhecidos nem estimulados e se entregavam, enfim, à concretização de idéias e costumes “egoístas”, dedicando suas penas a determinados interesses políticos e econômicos e/ou à sua própria satisfação, esquecendo da pátria, ou ainda, do bem comum. Anotava que os poetas “brasileiros” deveriam auscultar o espírito do tempo, ou seja, concretizar a “marcha da indústria” e o *éthos* liberal, a partir das condições próprias de sua pátria.

O último texto que analisamos neste capítulo é o de Araújo Porto-alegre e trata da poesia e da música, intitulado – “Idéias sobre a música”, e se encontra no primeiro número da *Revista Niterói*. O texto é orientado por uma idéia fundamental, a saber, a noção de que a poesia e a música, uma e a mesma coisa, segundo o autor, tinham uma função social, a função de fazer com que os homens experimentassem, por um breve momento que fosse, a medida da eternidade, conquistando, assim, a animação necessária ao enfrentamento dos desafios impossíveis oferecidos pela vida, sempre uma vez mais.

### **Do 3º Capítulo**

Neste capítulo estudamos o texto de Torres Homem intitulado – “Considerações econômicas sobre a escravatura”, publicado no primeiro volume da *Niterói*.

De acordo com Torres Homem, o tráfico de escravos e a escravidão deveriam ser abolidos imediatamente, algo que poderia instaurar as condições necessárias à conquista do progresso moral e material do Império. Utilizamos o termo – poderia - porque, na mão inversa de homens como Maciel da Costa, Muniz Barreto, José Bonifácio, Frederico Burlamaque e Bernardo Pereira de Vasconcelos, Torres Homem

cria que a “regeneração” do Império não passava apenas pela abolição do tráfico e da escravidão, mesmo que imediata, grifamos. Como veremos, Torres Homem afirma que o longo período de escravidão teria sido responsável pela introdução de uma “raça” inferior no Brasil, bem como radicalizado idéias e costumes impróprios à conquista do progresso moral e material do Imperial.

Segundo Torres Homem, o “Brasil” nascera destinado ao progresso moral e material, no entanto, algo acontecera que pervertera seu destino - a colonização portuguesa. Para o autor, o Estado português e a Igreja Católica, em uníssono, foram responsáveis por uma colonização fundada no “egoísmo” e na escravidão, instituições capazes de reorientar o destino do Império e de provocar a sua decadência.

O autor se utiliza da história para “verificar” o avanço progressivo e necessário do sentido “indústria” e evidenciar, ao mesmo tempo, que as “nações” que insistissem na prática da escravidão radicalizariam idéias e costumes propícios a sua decadência definitiva, entre eles o desprezo pelo trabalho, a “ambição” desmedida e a “insolência” e a “amoralidade”.